

Engajando Centros de Gravidade e Vulnerabilidades Civis

Major Richard K. Sele, Exército dos EUA

NOS PRÓXIMOS 15 a 20 anos, os ambientes políticos e militares globais vão exigir da doutrina do Exército dos EUA reconhecer a existência de um centro de gravidade civil (*center of gravity — COG*) e vulnerabilidades civis relacionadas ao longo do espectro de operações. A dimensão civil é agora um fator principal de planejamento em operações de estabilidade e apoio assim como em operações ofensivas e defensivas. Integrar os centros de gravidade civil e vulnerabilidades relacionadas no planejamento operacional enfoca a execução da missão nos termos apropriados, facilitando transições sem hiatos ao longo do espectro do conflito.

Integrar estes conceitos na doutrina exigirá uma definição mais ampla do centro de gravidade civil mais propícia a uma doutrina emergente. Operações Civil-Militares (*civil military operations — CMO*) ou atividades de assuntos civis (*civil affairs activities — CAA*) são os principais meios de engajar o centro de gravidade civil ou vulnerabilidades relacionadas. De fato, o Exército deveria provavelmente incorporar as operações civil-militares e as atividades de assuntos civis à sua lista de sistemas operacionais do campo de batalha.

A Publicação Combinada (*Joint Publication*) 1, *Joint Warfare of the Armed Forces of the United States* (Guerra Combinada das Forças Armadas dos EUA), define os centros de gravidade como “as características, capacidades ou localidades das quais uma força militar obtém a sua liberdade de ação, força física ou vontade de lutar”.¹ Os planejadores militares procuram atacar os centros de gravidade do inimigo durante o combate e proteger seus próprios centros de gravidade. Como resultado das ações

ou reações do inimigo durante uma campanha, às vezes os centros de gravidade mudam. A doutrina combinada estabelece que os planejadores militares podem engajar áreas-chave de vulnerabilidades relacionadas enquanto conduzem uma campanha.²

Os planejadores militares determinam o centro de gravidade civil ou as vulnerabilidades relacionadas depois de considerar tais fatores como:

- Demografia.
- Economia.
- Indicadores sociais.
- Processos políticos.
- Líderes políticos.
- Relacionamentos civil-militares.
- Nódulos de infra-estrutura.
- Atores não estatais dentro da área de operações.



O centro de gravidade e as influências civis relacionadas por todo o espectro de operações

- Defesa civil.
- Capacidades de segurança e saúde públicas.
- O meio ambiente.

As operações militares podem engajar todos esses centros de gravidade civis em potencial, mas de acordo com a Agência Central de Inteligência (*Central Intelligence Agency — CIA*) na publicação *Global Trends 2015: A Dialogue About the Future with Non-Government Experts* (Tendências Globais 2015: Um Diálogo sobre o Futuro com Peritos Não-Governamentais) os fatores que irão mais provavelmente moldar os eventos mundiais são pessoas (demográficos); recursos naturais e o meio ambiente; e governos nacionais e internacionais.³ Estes elementos ou fortalecerão a cooperação internacional ou tornar-se-ão fontes para futuros conflitos.

Os comandantes podem engajar um centro de gravidade civil ou uma vulnerabilidade de maneira positiva ou destrutiva. Por exemplo, como parte da força de

As vulnerabilidades civis são fatores de planejamento em operações urbanas que têm sido motivo de maior preocupação para as forças estadunidenses durante os últimos anos. Estudos demográficos indicam uma tendência sobrepujante para a urbanização. A Divisão de População da ONU prevê que, de 2000 para 2030, a população do mundo aumentará em 2 bilhões de pessoas.

manutenção de paz no Timor Leste, os militares de Portugal providenciaram equipamento para bombeiros ao governo transitório do Timor Leste, em um esforço de melhorar a sua capacidade de combater incêndios. Os militares portugueses, neste exemplo, representam uma força de manutenção de paz engajada no desenvolvimento nacional e a dimensão civil é a sua prioridade de esforço. Aprimorar os serviços de emergência para estabilizar a segurança pública é um engajamento positivo do centro de gravidade civil.

Durante a transição do controle sérvio ao muçulmano do subúrbio de Grbavica, em Sarajevo em 1996, a polícia sérvia propositalmente ateou fogo nos andares superiores de edifícios de apartamentos, além do alcance dos carros dos bombeiros do departamento de bombeiros de Sarajevo. Os sérvios engajaram destrutivamente um centro de gravidade civil — a vontade nacional — para cumprir o seu objetivo de forçar os civis a deixarem Sarajevo. Na maior parte, foram bem-sucedidos.

Deixar de entender e respeitar o centro de gravidade civil de um inimigo durante a análise da missão pode ter conseqüências devastadoras. Na Chechênia, os russos subestimaram a vontade da guerrilha chechena de lutar

a qualquer custo para proteger a sua pátria.⁴ Esta vontade nacional, enraizada nas antigas tradições dos clãs chechenos, foi uma significativa fonte de poder para estes últimos e foi, portanto, um centro de gravidade civil.

A doutrina para operações convencionais militares é muitas vezes inapropriada para conflitos de baixa intensidade, portanto deveria ser redefinida. O estrategista Max Manwaring insiste que o militar deveria redefinir os componentes do conflito para refletir a sua natureza mutante. O inimigo já “não é mais simplesmente uma formação militar, mas... a violência e a causa da própria violência.”⁵ De acordo com Manwaring, o poder tem componentes militares, econômicos, psicológicos, morais, educacionais e sociais que fazem com que o centro de gravidade seja agora mais ambíguo.

No artigo da *Naval War College Review*, “*Complex Civil Military Operations, a U.S. Military-Centric Perspective*” (Operações Civil-Militares Complexas, uma Perspectiva Militar Central), John Gentry aborda a natureza complexa das Operações Civil-Militares e a inabilidade da doutrina de integrá-las ao planejamento operacional. “Os planejadores,” escreve Gentry, “tentam encaixar atores locais e internacionais nas categorias de forças amigas ou inimigas o que, às vezes, impede aspectos da operação de serem vistos na maneira apropriada. O planejamento falha quando não aborda assuntos-chave ou os aborda inapropriadamente.”⁶

População (Demografia)

Operações de civis deslocados (*dislocated civilian — DC*) ocorrem em uma variedade de circunstâncias. Durante uma guerra de teatro principal (*major theater war — MTW*), o refugiado, mesmo sem ser um centro de gravidade, é certamente uma vulnerabilidade civil. Uma força de oposição pode usar refugiados para interferir com operações, forçando civis deslocados para determinada via de aproximação ou infiltrando agentes em seu meio para obter inteligência. A não ser que o planejador considere essa vulnerabilidade civil durante o processo de planejamento, encontrará dificuldade para reagir ao movimento do civil deslocado, e explorá-lo dentro da área de operações.

Por outro lado, as operações de civis deslocados podem ter a prioridade do esforço e sua população talvez seja de fato o centro de gravidade. Esse foi o caso durante a Operação *Pacific Haven* de 1996 a 1997 que envolveu a transferência de curdos do norte do Iraque e da Turquia para Guam, onde agências do governo dos EUA processaram seus pedidos de asilo político antes de sua recolonização na América. Todas as forças do Comando do Pacífico dos EUA (*U.S. Pacific Command — USPACOM*) apoiaram o esforço. Pessoal de assuntos civis do Exército, dos componentes da Ativa e da Reserva:

- Ajudaram a estabelecer campos de civis deslocados.

Exército dos EUA



Refugiados da amarga guerra civil na Ruanda, entre as tribos Hutu e Tutsi.

- Apoiaram as agências governamentais dos EUA no processo de asilo político.
- Desenvolveram programas de assimilação cultural e programas para ensinar o inglês como segundo idioma.
- Informaram o comandante da força-tarefa combinada sobre os hábitos alimentares, religiosos e culturais dos civis deslocados.

O centro de gravidade era claramente a população evacuada, mas as vulnerabilidades civis relacionadas também afetaram a Operação *Pacific Haven* também, incluindo:

- Agências civis do governo.
- A população de Guam.
- A mídia.
- Políticas sensíveis.
- Efeitos econômicos da comunidade.

A fonte de poder, ou do centro de gravidade civil, para aqueles responsáveis pelo genocídio em Ruanda em 1994, era a população civil. Planejadores do genocídio recrutaram refugiados *Hutu* do Burundi e milícias das baixas classes econômicas. Uma combinação de propaganda anti-Tutsi e ameaças físicas alimentaram a sua participação maciça na matança. De acordo com entrevistas com sobreviventes dos massacres, a maioria dos 50.000 assassinos recrutados eram camponeses iguais às suas vítimas.⁷ Qualquer organização responsabilizada em deter a matança teria que ter influenciado o centro de gravidade civil — a população camponesa.

As vulnerabilidades civis são fatores de planejamento

em operações urbanas que têm sido motivo de maior preocupação para as forças estadunidenses durante os últimos anos. Estudos demográficos indicam uma tendência sobrepujante para a urbanização. A Divisão de População da ONU (*UN Population Division*) prevê que, de 2000 para 2030, a população do mundo aumentará em 2 bilhões de pessoas. Virtualmente todo esse aumento ocorrerá em áreas urbanas e a população do mundo será 60% urbana em 2030.⁸ Esta tendência criará mais competição por empregos, mais estresse sobre as infra-estruturas sociais e maior estresse sobre a habilidade dos governos em prover as funções municipais básicas que, freqüentemente são precondições para a insurgência.

Conflitos no futuro provavelmente serão em ambientes urbanos, reduzindo algumas das vantagens táticas das forças armadas dos EUA. Os planejadores militares poderão recuperar um pouco dessa vantagem perdida, explorando a dimensão civil do campo de batalha. Na Somália, o pessoal de assuntos civis desenvolveu um relacionamento positivo com chefes dos clãs, governadores de conselhos distritais e com a polícia local depois de repetidos contatos com os mesmos. Os clãs aos poucos começaram a confiar nas equipes de assuntos civis, permitindo-lhes impedir problemas potenciais tais como ataques de franco-atiradores, disputas trabalhistas e assuntos de controle de população.⁹

Dependendo da natureza da missão, as forças dos EUA podem engajar uma vulnerabilidade civil relacionada ou até mesmo um centro de gravidade civil. Quando

situações envolvendo a segurança pública são fontes de conflito em uma operação de apoio ou de estabilidade urbana, uma equipe de reservistas de segurança pública do departamento de assuntos civis, com experiência em policiamento, seria a melhor opção como instrumento militar. Reservistas com esse tipo de experiência estão acostumados com a resolução de conflitos e são hábeis em negociar, observar e aplicar níveis graduais de resposta em situações ameaçadoras. Em *Somalia Operations: Lessons Learned* (Operações na Somália: Lições Aprendidas) o analista militar Kenneth Allard diz que,

De acordo com a RAND, os EUA devem engajar a ameaça potencial cedo, apoiando as iniciativas da ONU e da União Européia para mitigar o conflito na área do Mar Cáspio. Os Estados Unidos devem apoiar programas que promovam instituições econômicas locais, direitos humanos e democracia e providenciar a preparação para desastres, o controle de refugiados e a assistência contra o tráfico de narcóticos.

quando se engajava uma população urbana, “a tática de ‘mostrar a bandeira e surrar’ não era o suficiente. Ao invés disso, o tato em aplicar as regras de engajamento e no confisco de armas era essencial, assim como era o uso de garrafas de água e sorrisos como ferramentas básicas de negociação”.¹⁰

O acesso e a influência sobre as populações civis é uma fonte de poder para movimentos de insurgência e redes terroristas. Apropriados níveis de engajamento com populações civis antes, durante e depois de um conflito, mitigam os efeitos de tais ameaças. Isto se aplica no pós-guerra no Iraque e no Afeganistão ou na caçada aos terroristas no sudeste asiático.

Consideremos por exemplo uma região que não está em guerra, mas que enfrenta um baixo nível de insurgência, pirataria e atos de terrorismo. A combinação do engajamento e cooperação dos EUA junto às agências de polícia civil do país anfitrião e os esforços centrados para aprimorar as suas capacidades de resposta em emergências é uma ferramenta poderosa com a qual impedir que insurgentes e terroristas desapareçam em meio à população. A infra-estrutura de segurança pública do país anfitrião pode ser um centro de gravidade civil com a população civil e as condições socioeconômicas sendo vulnerabilidades civis relacionadas. Planejar e executar o pré-conflito apropriado ou operações pré-eventos é crítico para engajar estes centros de gravidade civis.

À medida que evoluem as missões, também o fazem os centros de gravidade. Sob condições desfavoráveis,

a operação de estabilidade ou de apoio pode sofrer uma rápida transição para um teatro de guerra principal. Mas mesmo quando o centro de gravidade se torna mais convencional, o comandante deve continuar a integrar as vulnerabilidades civis relacionadas ao planejamento da missão. Acessar a infra-estrutura civil e coordenar os relacionamentos com as autoridades civis e agências no espaço de batalha acelera a transição para operações de recuperação após um teatro de guerra principal. Operações civil-militares com o centro de gravidade civil podem ajudar a restaurar um governo local e simplificar a estratégia de retirada das forças dos EUA.

Recursos Naturais e o Meio-Ambiente

Os recursos naturais e o meio-ambiente são assuntos transnacionais. A competição por recursos pode ser uma futura fonte de conflito no Oriente Médio e na África do Norte como foi nos eventos que levaram às operações *Desert Shield* e *Desert Storm*. O Iraque invadiu o Kuwait em 1990, pelo menos em parte, reagindo à produção e venda de petróleo deste último a preços suficientemente baixos como para adversamente afetar a economia do primeiro. O Iraque explorou uma vulnerabilidade civil de recursos quando provocou incêndios nos poços de petróleo no Kuwait. A Agência para o Desenvolvimento Internacional dos EUA (*U.S. Agency for International Development*) observa que desentendimentos sobre o uso de terra e recursos contribuem à poluição global, à degradação de recursos e à perda de diversidade biológica, podendo levar a conflitos que ameaçam os interesses comerciais dos EUA, e forçar o país a participar de conflitos regionais.¹¹

Uma disputa momentânea envolvendo recursos está ocorrendo nas áreas de produção de petróleo do Mar Cáspio. Um estudo da *RAND* observa que a produção de petróleo Cáspio é significativa porque poderia reduzir a dependência americana no petróleo do Oriente Médio; permitir aos antigos estados soviéticos serem menos dependentes da Rússia; e desencorajar o expansionismo russo.¹² Os países Cáspios sofrem de economias instáveis, disparidades salariais, conflitos tribais e entre clãs, repressão política e uma escassez de instituições governamentais. Eventos na região do Mar Cáspio também afetam a Turquia, a China, a Rússia, o Irã, a Índia, o Paquistão e o Afeganistão. A região está em risco de conflitos e o envolvimento de uma intervenção militar turca, russa ou chinesa poderia também forçar os EUA a participar de uma operação de estabilidade com o potencial de escalar a um conflito regional.

Embora seja difícil prever o nível de envolvimento da OTAN, dadas as inquietudes sobre o uso de armas de destruição em massa e sua proliferação no Cáucaso, o potencial para o envolvimento tanto da OTAN como dos EUA é grande.¹³



Departamento de Defesa

Membros da Força de Estabilização Bósnia aguardam permissão para entrar num edifício em busca de informação de pessoas indiciadas por crimes de guerra na cidade de Pale na Bósnia. Janeiro de 2004.

De acordo com a *RAND*, os EUA devem engajar a ameaça potencial cedo, apoiando as iniciativas da ONU e da União Européia para mitigar o conflito na área do Mar Cáspio.¹⁴ Os Estados Unidos devem apoiar programas que promovam instituições econômicas locais, direitos humanos e democracia e providenciar a preparação para desastres, o controle de refugiados e a assistência contra o tráfico de narcóticos. As forças armadas dos EUA podem apoiar agências civis em qualquer uma dessas tarefas. Essas missões são operações de estabilidade e apoio, com a prioridade do esforço sendo a de engajar o centro de gravidade civil e as vulnerabilidades relacionadas.

Existe uma oportunidade significativa para o engajamento em tempo de paz do centro de gravidade civil no campo ambiental. Unidades do departamento de assuntos civis na área de operações do *USPACOM* atualmente conduzem avaliações da preparação para a mitigação de desastres a pedido do Departamento de Estado e equipes em determinados países. Equipes-tarefa organizadas de agências civis e militares se desdobram para esses países para avaliar a sua vulnerabilidade a desastres e prover recomendações para remediar as suas deficiências. Este tipo de missão claramente engaja o centro de gravidade civil, geralmente uma agência ministerial ou de defesa civil.

Governo Nacional e Internacional

Governar não é apenas um sistema de governo. Também inclui o respeito aos direitos humanos, os relacionamentos civil-militares e a tolerância de movimentos

ou partidos de oposição. É provavelmente melhor tratar da maioria dos assuntos relativos ao governo por canais diplomáticos e políticos, mas nas operações de estabilidade e apoio, os militares devem abordá-las, gostando ou não. Além do Iraque e do Afeganistão pós-guerra, um dos exemplos mais claros do envolvimento militar direto em processos políticos locais foi o apoio militar dos EUA à Força-Tarefa de Polícia Internacional da ONU (*UN International Police Task Force — IPTF*) durante as transições do governo em Sarajevo, na Iugoslávia.

Bósnia. A *IPTF* tinha a tarefa crítica de assegurar um ambiente de segurança durante as transições de controle do governo local sérvio ao muçulmano e da criação da Polícia da Federação da Bósnia (*Bosnian Federation Police — BFP*). Sob o plano de transição do governo da Bósnia, a composição étnica da polícia teria sido sobrepujantemente muçulmana, e isso teria acabado com o processo para a paz. A equipe militar estadunidense designada para apoiar a *IPTF* reconheceu o dilema e ajudou-a a reestruturar a *BFP* para que a sua composição étnica fosse mais representativa do país antes da guerra.¹⁵ Em termos militares, assegurar que a polícia não se tornasse uma fonte de conflito mais tarde era um ponto decisivo para garantir a segurança pública em Sarajevo. A fonte do poder, ou o centro de gravidade civil do governo da Bósnia, era o domínio muçulmano da polícia na Bósnia. A estratégia dos EUA foi de engajar esse centro de gravidade civil e suas vulnerabilidades relacionadas desenvolvendo fortes relacionamentos tra-



Departamento de Defesa

Poços de petróleo queimam descontroladamente nos arredores da Cidade de Kuwait logo após a Operação Desert Storm em março de 1991. As forças iraquianas incendiaram os poços antes de serem forçadas a abandonarem a região pelas forças da coalizão.

balhistas com elementos da ONU na área, representantes do Departamento de Estado na Força-Tarefa de Polícia Internacional da ONU, líderes de governos locais e com a população.

Timor-Leste. As operações militares no Timor-Leste também engajaram um centro de gravidade civil. A ONU administrou o Timor-Leste sob os auspícios da Autoridade Transitória da ONU no Timor-Leste (*UN Transitional Authority-East Timor — UNTAET*) até que o novo estado realizasse eleições e fosse capaz de se auto-administrar. O apoio militar dos EUA se limitou a operações de assistência e recuperação, mas os EUA engajaram o centro de gravidade civil, neste caso a *UNTAET*, e por motivos práticos e de proteção da força, coordenaram os esforços de assistência junto às Forças de Manutenção da Paz da ONU (*Peacekeeping Forces — PKF*), para assegurar que seus componentes militares estivessem conscientes das intenções americanas na área. A Equipe de Apoio dos EUA para o Timor-Leste (*U.S. Support Group-East Timor*) estabeleceu um relacionamento contínuo com o escritório de assuntos civil-militares das *PKF* e com a infra-estrutura de diretorias da *UNTAET*, o centro de gravidade civil.

Estados Africanos. A Iniciativa para Reação a Crises na África (*African Crisis Response Initiative*) é um pro-

grama de assistência de treinamento conduzido pelos EUA para ajudar estados africanos a se tornarem mais auto-suficientes durante crises regionais e durante operações de manutenção da paz. As Forças de Operações Especiais do Exército assumiram a dianteira na contribuição militar americana do pacote de instruções para missões de manutenção da paz e de assistência humanitária. Outras agências envolvidas incluem o Alto Comissariado da ONU para Refugiados, (*UN High Commissioner for Refugees*); O Comitê Internacional da Cruz Vermelha (*International Committee for the Red Cross*); a Agência dos EUA para o Desenvolvimento Internacional (*U.S. Agency for International Development*); a Visão Mundial (*World Vision*) e muitas agências humanitárias.¹⁶ O centro de gravidade pode mudar dependendo das instruções. Alguma instrução é para unidades militares, tais como as Forças Especiais treinando em Mali e no Senegal. Certos aspectos da instrução, porém, são para líderes civis e militares, como por exemplo, quando o pessoal de assuntos civis conduziu aulas sobre o papel militar na democracia para o Ministério de Defesa da Uganda.¹⁷

Redefinindo a Dimensão Civil

O atual ambiente operacional exige uma melhor definição do centro de gravidade civil e suas vulnerabilidades relacionadas. O centro de gravidade civil

é o mais amplo grupo de componentes não militares na área de operações que representa a prioridade do esforço para a missão e que tem um efeito direto sobre o sucesso da mesma. A natureza da operação define o centro de gravidade, que pode ser uma organização ou uma agência, um grupo de indivíduos, uma instituição, ou uma instalação de infra-estrutura. Para dar maior flexibilidade ao planejador operacional na definição da missão, dos objetivos, das apropriadas linhas-de-ação e dos parâmetros para o sucesso, o centro de gravidade é propositalmente definido como um grupo mais abrangente de componentes.

Vulnerabilidades civis relacionadas são influenciadores civis; ou seja, componentes não militares da área de operações que indiretamente afetam o sucesso da missão. Influenciadores civis são essenciais para o cumprimento da missão e o planejador militar deve incorporá-los no plano o mais cedo possível. Os influenciadores podem ser inicialmente secundários e se tornarem o centro de gravidade, à medida que a missão evoluir. Por exemplo, os EUA poderão invadir o país “X”, onde um centro de gravidade é uma organização paramilitar. A polícia do país “X”, um relacionado

influenciador civil, continua na área de operações e não representa uma ameaça, mas é ineficaz contra a organização paramilitar. Enquanto atacam a organização paramilitar, os EUA devem também engajar a polícia e desenvolver um relacionamento de trabalho com ela, o quanto antes. Uma vez cessadas as hostilidades, o objetivo dos EUA poderá ser o de restaurar a lei e a ordem para impedir roubos. O centro de gravidade então fica sendo a força policial.

Os EUA devem estar preparados para conduzirem operações ao longo do espectro do conflito. A doutrina tradicional apropriada para operações convencionais deve evoluir para refletir o novo ambiente de conflito. Conflitos de baixa intensidade, agora operações de estabilidade e apoio, têm caracterizado os conflitos da década passada, refletindo a incerteza e a imprevisibilidade do ambiente geopolítico. Um número cada vez maior de componentes não militares do campo de batalha existem também nas operações convencionais. Integrar o centro de gravidade civil e as vulnerabilidades civis relacionadas ou influenciadores na doutrina aprimorará a habilidade do Exército de planejar tanto operações convencionais como não convencionais. **MR**

Referências

1. *U.S. Joint Chiefs of Staff, Joint Publication 1, Joint Warfare of the Armed Forces of the United States* (Washington, DC: Government Printing Office [GPO], 14 de novembro de 2000).
2. *Ibid.*
3. *CIA, Global Trends 2015: A Dialogue About the Future with Nongovernment Experts* (Washington, DC: GPO, dezembro de 2000).
4. Timothy L. Thomas, “The Battle of Grozny: Deadly Classroom for Urban Combat,” *Parameters* (verão de 1999).
5. Max G. Manwaring, “Thinking Again about Contemporary Conflict,” *The Officer* (março de 2001).
6. John A. Gentry, “Complex Civil-Military Operations: A U.S. Military-Centric Perspective,” *Naval War College Review* (outono de 2000).
7. Gerard Prunier, *The Rwanda Crisis* (Nova York: Columbia University Press, 1995), p. 247.
8. *The UN Population Division Report, World Urbanization Prospects: The 1999 Revision*, online no: <www.un.org/esa/population/publications/wup1999/wup99.htm>, acessado em 29 de junho de 2004.
9. Capitão Phillip R. Parker, Exército dos EUA, *Counterintelligence and Civil Affairs in Somalia and PSYOP e CA Contributions in Somalia* (Forte Leavenworth, Kansas: *Center for Army Lessons Learned*), disponível ao pessoal do Departamento

- de Defesa online no <<http://call.army.mil>>.
10. Kenneth Allard, *Somalia Operations: Lessons Learned* (Washington DC: National Defense University Press, janeiro de 1995).
11. U.S. Agency for International Development, *USAID and the Environment*, online no <www.usaid.gov/our_work/environment/>, acessado em 16 de junho de 2004.
12. Richard Sokolsky and Tanya Charlick-Pulley, *NATO and Caspian Security: A Mission Too Far?* (Santa Monica, California: RAND, 1999).
13. *Ibid.*
14. *Ibid.*
15. Para informações mais detalhadas desta missão veja Major Richard K. Sele, “Civil Military Operations in the Post War Sarajevo Region,” *Low Intensity Conflict and Law Enforcement* (primavera de 1999).
16. Documento de fatos do Departamento de Estado dos EUA, *African Crisis Response Initiative* (maio de 2000), online no <www.usinfo.state.gov/regional/af/acri/fact0500.htm>, acessado em 16 de junho de 2004.
17. Informe da mídia, *Escritório do Subsecretário da Defesa (Office of the Assistant Secretary of Defense) (Assuntos públicos), DOD Briefing on African Crisis Response Initiative*, 29 de julho de 1997, disponível online no <www.defenselink.mil/news/Jul1997/t07311997_tacri.html>, acessado em 16 de junho de 2004.

O Major Richard K. Sele é oficial de assuntos civis com o 351º Comando de Assuntos Civis em Mountain View, na Califórnia. É Bacharel pela University of North Carolina-Greensboro, e Mestre pela Salve Regina University, e é também graduado da ECEME/EUA. Sua experiência operacional inclui as Operações Desert Storm, Joint Endeavor, Pacific Haven, Stabilize, e Enduring Freedom. O seu artigo “Civil-Military Operations in the Post-War Sarajevo Region” foi publicado no Low Intensity Conflict and Law Enforcement (primavera de 1999).